

Filhos do Encantado – O fenômeno do Boto em Novo Airão: um olhar introdutório¹

Alice Regina Pacó de SOUZA²

Wilson de Souza NOGUEIRA³

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM.

RESUMO

Pensar a pesquisa científica na Amazônia requer um olhar aguçado de razão e também de sensibilidade acerca de suas singularidades. Só assim é possível reconhecermos a relação complexa e indissociável entre a natureza, os seres humanos e suas culturas. É preciso considerar suas dimensões territoriais, sua intensidade cultural, seu trajeto histórico e seus ecossistemas entrelaçados. Sob esse ponto de vista, este artigo propõe um estudo preliminar a partir de uma compreensão ecossistêmica do imaginário em Novo Airão (AM) acerca do fenômeno do boto, uma figura multifacetada, que ora se apresenta como animal domesticado para o turismo, ora como ente encantado. Para tanto, buscamos contextualizar esse fenômeno e as interações que se estabelecem e se reconfiguram no imaginário local.

PALAVRAS-CHAVE: ecossistemas comunicacionais; imaginário; boto; Novo Airão.

Uma nova visão de mundo...

Esse artigo lança um olhar introdutório sobre uma proposta, um processo em busca de caminhos para uma pesquisa científica na e da Amazônia... E quando falo desse território/espço emblemático, não me refiro apenas às suas dimensões ou aos superlativos que lhe são atribuídos. Refiro-me, principalmente à Amazônia que se manifesta de uma maneira muito peculiar, como nos movimentos de subida e descida dos rios, na cadência dos ciclos naturais, ocasionando as cheias e as vazantes que, de certa forma, ditam o ritmo da vida, entre elas a dos seres humanos (TOCANTINS, 1973). Esse ambiente complexo no qual estamos imersos nos permite enxergar os fenômenos da natureza e da cultura por meio de um olhar também de dentro, certamente, um olhar mais amazônico.

Imbuída agora de uma visão de mundo inclusiva que acolhe a diversidade da vida e suas relações com o ambiente, almejo aprofundar os conhecimentos sobre a Amazônia me

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 24 a 26 de maio de 2017.

² Mestranda do Curso de Ciências da Comunicação – UFAM/Manaus, email: lice.regina@gmail.com

³ Professor Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia – UFAM/Manaus, email: wilsonsouzanogueira@gmail.com

descobrimo enquanto pesquisadora em formação e como amazônida, por estar convencida de que o olhar ecossistêmico existe porque tudo está conectado.

A perspectiva ecossistêmica me permitiu olhar o mundo de uma maneira diferente, ou seja, percebo hoje que não estou isolada do meu objeto de pesquisa, ao invés disso, somos parte e todo do mesmo processo, que gera novos conhecimentos e novos saberes. Este artigo lança um olhar introdutório, um caminho que desejo percorrer, ele é uma forma de declarar minha paixão por essa terra no sentido de contribuir com os estudos da comunicação no âmbito dos ecossistemas comunicacionais por intermédio do imaginário amazônico.

Essa proposta tem abrigo no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), que tem como área de concentração os Ecossistemas Comunicacionais. Este trabalho se insere no âmbito da linha de pesquisa 2: Linguagens, Representações e Estéticas Comunicacionais.

A área de concentração do Programa propõe uma compreensão contemporânea e desafiadora em contraponto ao pensamento científico mais tradicional acerca dos estudos das Ciências da Comunicação. Ela permite uma nova forma de se fazer ciência, pois articula a diversidade de olhares sobre a Amazônia, não apenas no sentido de repensar o pensamento amazônico e sua formação sociocultural, mas de reconhecer as multiplicidades e as particularidades desse ambiente e, principalmente, de assumir a responsabilidade que temos em discutir e disseminar o conhecimento científico produzido aqui. Assim, é possível observar os fenômenos locais e suas interconexões e, para isso, o pesquisador precisa estar disposto a questionar conceitos canonizados em busca de evidenciar essa nova compreensão.

Evidenciar, sim! Acreditamos que a compreensão ecossistêmica cria uma abertura para uma nova perspectiva: o olhar epistêmico-metodológico sobre os fenômenos socioculturais no âmbito da comunicação. Essa perspectiva reconhece que é preciso sentir, cheirar, participar, viver, se entranhar e considerar que tudo ao nosso redor comunica, se expõe, se diz e se entrelaça... E esses entrelaços só se dão por meio dos fenômenos comunicativos, uma complexa e rica interação de sistemas autopoieticos (MATURANA;VARELA, 2007). É no âmbito de compreender os processos comunicacionais que envolvem os fenômenos relacionados à linguagem e representações que se evidencia a abordagem ecossistêmica pretendida por este artigo.

Fazer ciência na Amazônia nos desafia a assumir esse novo olhar. Ela nos inclina a um pressuposto conceitual que nos permita conectar conhecimentos e saberes para compreender o que acontece ao nosso redor e, por consequência, o que se reverbera dentro de nós. É um olhar amplo e ao mesmo tempo profundo, que permite a pluralidade de pensamentos e não

uma visão unilateral fragmentada e desconexa do real e do virtual. É um caminho em construção, pelo qual se busca conexão com outras áreas, entrelaçando assim, a interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade e a complexidade.

É, por fim, um olhar que surge como proposta para tentar dar conta de se fazer ciência na complexidade amazônica e que almeja não somente brotações de pensamentos científicos, e florescimento no cenário da ciência com a produção de conhecimento novo, mas que pretende interagir com os frutos dos estudos de ontem e de hoje, produzidos na e para a Amazônia, a fim de que eles sejam polinizados⁴ e amplamente discutidos. Os pesquisadores que se embrenham por esses caminhos de entrecruzamentos para pesquisar esta realidade complexa e diversificada evidenciam esse olhar porque rompem com os parâmetros e delimitações da pesquisa fragmentada e normativista. Propomo-nos a esse desafio, certamente.

Mas o que nos trouxe até aqui?

Acredito que a inquietação é o que nos move enquanto seres pensantes... Ela nos causa um banzeiro de sensações e de movimentos em direção ao desconhecido... E esses desdobramentos nos levam a percorrer caminhos incertos. Este artigo se propõe a contar, de maneira introdutória, a trajetória a ser percorrida em busca de respostas e, talvez, de mais inquietações a respeito do tema proposto.

Foi sentada na beira do rio Negro, após ministrar uma aula no município de Novo Airão (AM) em julho de 2011, que percebi meus pensamentos caminhando para essa inquietação. Faço questão de falar sobre isso porque não consegui conviver passivamente com essa inquietude e foi ela que me levou ao Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas, turma 2015. O despertar para o tema proposto surgiu ao ministrar a disciplina Prática Curricular para o curso de graduação em Letras- Língua Inglesa- do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR). Ao trabalhar a contextualização dos assuntos abordados em sala de aula, experimentei traçar um paralelo da realidade dos alunos com os temas desenvolvidos na disciplina. Percebi que havia entre eles uma preocupação relacionada à imagem do município,

⁴ A ideia de polinização nos remete ao processo de transporte do pólen entre as plantas realizado especificamente pelas abelhas. Esse processo se configura como um dos principais mecanismos de promoção e manutenção da biodiversidade. Além disso, o termo também faz alusão ao mel produzido pelas abelhas a partir da diversidade do néctar das flores, tema bastante utilizado por Morin (1997) em suas explicações sobre a diversidade da vida. Uma metáfora do conhecimento que se alia ao pensamento ecossistêmico.

que antes estava atrelada ao peixe-boi e hoje está marcada pela figura do boto multifacetado, que se tornou uma das atrações turísticas da cidade.

Novo Airão também atrai muitos visitantes por abrigar um dos maiores arquipélagos fluviais do mundo: Anavilhanas, com mais de 400 ilhas; e por suas histórias envolvendo o Velho Airão, a cidade fantasma que, segundo relatos dos antigos moradores, foi invadida por formigas, situação que obrigou a população a fugir e se restabelecer na outra margem do rio. Rebatizada como Novo Airão (AM), a cidade está localizada à margem direita do rio Negro, a uma distância de 180 quilômetros de Manaus em linha reta.

Com a construção da Ponte Rio Negro em 2011, chegar ao município ficou muito mais fácil, o que ativou o turismo local nos últimos anos, visto que, antigamente, era necessário atravessar o rio em balsas, o que tornava o percurso demorado e cansativo. Além da opção via terrestre, pelas rodovias AM-070, a Manoel Urbano (que faz a ligação entre Manaus e os municípios de Iranduba, Manacapuru e Novo Airão (AM) e depois a AM-352 (Anexo 01), também é possível chegar ao município de barco ou lancha, a partir de Manaus.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), o município possui 14.723 habitantes com uma área de 37.796, 238 km² (Anexo 02). Novo Airão (AM) oferece muitas atrações para o turismo, é conhecida como Paraíso Ecológico por abrigar em seu território o Parque Nacional do Jaú, o segundo maior do Brasil; e a Estação Ecológica Anavilhanas, um dos maiores arquipélagos fluviais do planeta. Ambos fazem parte do Complexo de Conservação da Amazônia Central e foram reconhecidos pela UNESCO como Patrimônio Mundial Natural, segundo informações do Portal Brasil⁵.

O artesanato produzido na região, com destaque para os produtos em madeira e fibras naturais também atrai os turistas. Na terra indígena Waymiri-Atroari localizada no município são tecidas peças de cestaria, utensílios e adornos que são comercializados pelos próprios índios em uma loja na sede da cidade. Há também a Fundação Almerinda Malaquias, que trabalha em parceria com a associação dos artesãos locais, a Nov'Arte, e oferece cursos de artesanato para a população. Esse trabalho ganhou repercussão nacional com a conquista do Prêmio Top 100 – Artesanato Brasil, organizado pelo SEBRAE, nas edições de 2006, 2008 e 2011.

Novo Airão (AM) oferece muitos atrativos para os turistas, como os supracitados, contudo nos últimos anos, outra atração tem causado fascínio entre os visitantes: o boto

⁵ O Portal Brasil é um site do Governo Federal que reúne conteúdos de todos os ministérios e secretarias.

vermelho⁶. O município ganhou notoriedade e passou a ser conhecido como a terra do boto cor de rosa⁷, recebendo visitantes do mundo inteiro que querem conhecer os “golfinhos de água doce” da Amazônia, como também são popularmente chamados. É justamente desse quesito que emana a inquietação, ou seja, a configuração da problemática desse artigo. Inicialmente percebo que Novo Airão (AM) é uma cidade dividida entre dois símbolos: um reconhecido pelas instituições oficiais que é o peixe-boi; e o outro, mais reconhecido pelos turistas e visitantes e também por parte da população local, que é o boto multifacetado em personagem do imaginário dos encantados da Amazônia e como produto turístico. Esses, possivelmente influenciados pela mídia, que nesse trabalho será tratada como tecnologias do imaginário, abordagem teórico-metodológica desenvolvida por Silva (2006).

O símbolo do município é o peixe-boi em razão da abundância da espécie que havia na região. Durante muito tempo esse tipo de atividade não teve regulamentação na Amazônia, então a caça do peixe-boi não era proibida por lei. Eles eram capturados para o consumo da carne, considerada uma iguaria da culinária local, inclusive, mencionada nos registros de viagem do padre José de Anchieta⁸, em que destaca: “É muito bom para se comer e mal se pode distinguir se é carne ou se antes se deve considerar peixe” (VIOTTI, 1984). Já o couro do peixe-boi, por ser muito resistente, também era aproveitado para fazer correias e até a banha do animal servia de combustível para as lamparinas que iluminavam as ruas antes da energia elétrica. (MAMIRAUÁ, 2013). Em 1967 a caça foi proibida, no entanto, a espécie encontra-se ameaçada de extinção.

O visitante, ao chegar em Novo Airão (AM), encontra um monumento com o brasão do município apoiado em dois peixes-bois (Anexo 03). Há, inclusive, um Festival Folclórico em homenagem ao Peixe-boi, já em sua vigésima primeira edição, onde os grupos de brincantes Jaú e Anavilhanas disputam o título de campeão do ano com apresentações temáticas que hoje evidenciam a preservação do meio ambiente. Paradoxalmente, esse festival surgiu para celebrar os pescadores/caçadores que mais capturavam peixes-bois, como um prêmio pelos seus feitos.

Na década de 1980, havia também um aquário com chafariz, na praça principal da cidade, com peixes-bois, e que foi desativado por determinação do Instituto Brasileiro do

⁶ Na Amazônia existem dois tipos de botos de água doce. O boto vermelho, visto como ser encantado; e o boto Tucuxi, acinzentado, menor e conhecido por ajudar os pescadores.

⁷ No documentário “Amazônia, viagem a mil rios”, Jacques Cousteau refere-se ao boto vermelho como boto cor de rosa. Ao ser veiculado na televisão brasileira e europeia, a expressão passou a ser largamente popularizada, tornando-se, inclusive, tema de música infantil em 1990.

⁸ Missionário jesuíta que participou de missões religiosas na Amazônia, no período do Brasil Colonial - século XVII.

Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) por não oferecer os cuidados de tratamento digno de acordo com as normas do órgão.

É notória a presença do peixe-boi enquanto símbolo de Novo Airão (AM), no entanto, a cidade passou a ser conhecida como “terra do boto cor de rosa” (anexos 04, 05, 06) possivelmente por influência da mídia na divulgação do boto domesticado por ribeirinhos da cidade. O meu interesse por esse tema surgiu desses paradoxos que geraram alguns questionamentos. Como os processos comunicacionais que envolvem esse fenômeno relacionado à linguagem e às representações sociais desenvolveram esse imaginário? Como se manifesta o imaginário envolvendo o boto vermelho e suas relações com a cidade? Será que a relação com a mídia provocou essa mudança e reconfigurou o fenômeno do boto encantado?

As respostas para essas perguntas devem contribuir para um novo entendimento das relações entre as populações da Amazônia com as tecnologias do imaginário e os interesses econômicos e culturais globalizados. É possível inferir, todavia, que o aparecimento do boto multifacetado nesse contexto pode estar relacionado com as contradições da própria mídia que, numa visão globalizante almejava a hegemonização das culturas. Hegemonia essa que nem sempre é conquistada em razão das forças das culturas e dos saberes locais que se articulam também por meio de próprias redes e processos comunicacionais e, assim, acionam seus valores morais, suas éticas, seus símbolos de identidade e identificação, suas linguagens e suas estéticas. É importante conferir e compreender os fenômenos socioculturais que surgem desses conflitos de visões de mundos distintos, porém complementares, antagônicos e concorrentes (MORIN, 2007).

Por esse contexto, destacamos a importância de uma investigação científica que busque contextualizar a partir da compreensão ecossistêmica e dos estudos do imaginário as múltiplas significações do fenômeno do boto em Novo Airão (AM). E, assim, acendemos a poronga para abrir os caminhos e contemplar a construção de um novo conhecimento...

O olhar ecossistêmico

A narrativa científica sobre a Amazônia – e não somente sobre a Amazônia – desconsidera a diversidade regional desse ambiente e a importância dos saberes desenvolvidos fora do âmbito científico, como os jeitos de viver e interpretar a vida dos caboclo-indígenas, com os seus mitos, artes, éticas, astronomia e medicina próprios. A literatura científica tradicional não costuma relacionar a vida na Amazônia às suas dimensões biológicas, sociais e culturais, preferindo separá-las, quando não exotizá-las, expondo o seu persistente

atrelamento a paradigmas científicos ultrapassados, porém essa noção de ultrapassagem, mais uma vez, não nega esses paradigmas em sua totalidade porque as ultrapassagens sempre levam consigo elementos fundamentais de conhecimentos que permanecerão posteriormente.

No âmbito da pesquisa em comunicação, há um esforço pela mudança desse cenário, principalmente a partir da implantação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação da UFAM e da Universidade Federal do Pará (UFPA), respectivamente nos anos de 2008 e 2010. Ambas desenvolvem pesquisas interdisciplinares e transdisciplinares e têm contribuído com publicações que valorizam a comunicação contextualizada nas realidades locais e suas articulações com os eventos globais. Como propõe Morin (2005), precisamos religar os saberes para alcançarmos a compreensão do todo. Mas como adverte o mesmo autor, esse todo não se reveste de um sentido holístico, em vez disso, trata-se de uma postura pascaliana⁹ de pensar.

Quando nos limitamos às disciplinas compartimentadas - ao vocabulário, à linguagem de cada disciplina - temos a impressão de estar diante de um quebra-cabeças cujas peças não conseguimos juntar a fim de compor uma figura. Mas, a partir do momento que temos um certo número de instrumentos conceituais que permitem organizar os conhecimentos [...] temos a possibilidade de começar a descobrir o semblante de um conhecimento global, mas não para chegar a uma homogeneidade no sentido holístico, uma homogeneidade que sacrifique a visão das coisas particulares e concretas em nome de uma espécie de névoa generalizada. Sem dúvida, é a relação que é a passarela permanente do conhecimento das partes segundo a perspectiva de uma frase de Pascal pela qual sinto um apego especial. (MORIN, 2005, p.491).

A pesquisa da comunicação na Amazônia requer esse olhar transversal, sem limites conceituais e isso implica em enxergar para além das narrativas cristalizadas nos determinismos científicos.

Vale salientar que o PPGCCOM/UFAM nasce da inquietação de pesquisadores com a ausência de um jeito de fazer ciência que reconhecesse a importância dos saberes locais, muitos dos quais imemoriais, e suas articulações (complementares, concorrentes e antagônicas) com o jeito de viver advindo da modernidade. Uma cartografia do processo de desenvolvimento dos pressupostos da área de concentração do Programa, os ecossistemas comunicacionais, pode ser encontrada com mais detalhes na tese de doutoramento de Colferai

⁹ A Frase de Pascal a qual se refere Morin “Sendo todas as coisas causadas e causadoras, auxiliadas e auxiliantes, mediatas e imediatas, e sustentando-se todas mutuamente por meio de um elo natural e sensível que liga as mais distantes e diferentes, eu assevero que é impossível conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes” PASCAL *apud* MORIN, 2005, p. 491.

(2014), orientado por Monteiro e defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, UFAM. Parte da produção do Programa já conquistou reconhecimento em publicações da área, com livros editados em parceria com o PPGCOM/UFPA, como as obras Estudos e Perspectivas dos Ecossistemas na Comunicação (2011), Comunicação Midiatizada na e da Amazônia (2011), Processos Comunicacionais: tempo, espaço e tecnologia (2012), Comunicação: visualidades e diversidades na Amazônia (2013) e revistas qualificadas pela Capes.

Pereira (2011), possivelmente preocupada com o imobilismo e descrença da inteligência colonizada e colonizadora, faz uma exposição da importância desta área de concentração para o desenvolvimento das ciências da comunicação:

[...] o estudo dos ecossistemas comunicacionais constitui uma área bastante ousada dentro dos estudos da comunicação, o que confere ao Programa da UFAM a oportunidade de tornar-se mais que um programa periférico na geopolítica da área: abre a possibilidade de ele tornar-se um centro de referência, sobretudo em razão do lugar que ele ocupa no planeta, a Amazônia [...] o estudo dos ecossistemas comunicacionais não está relacionado à exuberância natural da região, uma vez que ele pode ser desenvolvido em qualquer espaço em que haja comunicação [...] A Amazônia, contudo, pode tornar-se um lugar emblemático para o desenvolvimento desse campo de estudos, visto que sua exploração solicita uma compreensão científica que considere o mundo não a partir de uma coleção de partes, mas como uma unidade integrada na qual a diversidade da vida, seja ela natural, social, cultural, tecnológica possa ser investigada a partir das relações de interdependência que regem a vida. Assim, estamos diante, portanto, de uma visão ecossistêmica da comunicação. (PEREIRA, 2001, p. 49-50).

Nesse cenário, estudos como os dos ecossistemas comunicacionais, do pensamento complexo, do imaginário e da semiótica encontram solo fértil na Amazônia. A complexidade amazônica não se revela a investigações isoladas na biologia, na botânica, na sociologia, na antropologia, na química ou na física. Para um indígena da etnia tucano, por exemplo, uma árvore não é apenas uma árvore; ela pode ser um parente ou uma entidade mítica que compartilha espaços e participa da vida e da vivência dos humanos. Há, portanto, uma comunicação intensa entre seres humanos e natureza por ligação de vidas. Situações como essas estão nos momentos ordinários e extraordinários do cotidiano das populações amazônicas. Então, a ciência na Amazônia não será honestamente desenvolvida sem entrelaçar a diversidade de conhecimento considerado até então não-científico, sem pensar os seus objetos de estudos de forma diferenciada e inclusiva. A noção de ecossistemas vivos em que as relações de vidas se dão de forma interdependente nos ajuda a entender melhor como se constituem os ambientes de comunicação.

Por entendermos que os ecossistemas comunicacionais se estabelecem a partir das interações e das práticas sociais em que a comunicação envolve um ambiente cultural, é *mister* que se observe os acontecimentos do cotidiano não apenas com um olhar científico. Assim, os estudos comunicacionais nos remetem a uma reflexão acerca dos eventos, acontecimentos, ocorrências ou mesmo fatos de modo entrelaçados com seus ambientes, sejam eles culturais ou naturais, como enfatiza Pereira:

Investigar os processos comunicativos na perspectiva dos ecossistemas comunicacionais compreende, antes de tudo, entender que a comunicação não é um fenômeno isolado; ela envolve um ambiente cultural que ao mesmo tempo interfere e possibilita a construção, a circulação e a significação das mensagens. Significa que o ambiente que a envolve é constituído por uma rede de interação entre sistemas diferentes e que estes, embora diversos, dependem um do outro para coexistir. Significa ainda que modificações nos sistemas implicam transformações no próprio ecossistema comunicativo, uma vez que este tende a se adaptar às condições do ambiente, e no limite, na própria cultura. (PEREIRA, 2011, p. 51).

O Brasil é conhecido mundialmente por sua pluralidade. Num mesmo país, tantos falares, tantas crenças e tantas culturas (LARAIA, 1986). É nesse terreno plural que muitas histórias começaram a ser construídas para a formação cultural do Brasil. O Boitatá, Boi-Bumbá, Cobra Grande ou ainda o Boto que encanta as moças em noite de lua cheia são alguns dos exemplos que enchem o imaginário do povo. São traços culturais distintos que marcam a diversidade do povo brasileiro.

No contexto local, olhar a Amazônia por meio dos processos comunicacionais é ver como interagem os indivíduos com os grupos humanos e seu ambiente e sua capacidade de articulação ao alimentar e propagar o imaginário de suas vivências, expressões da vida amazônica articulada com as culturas que se universalizam nos movimentos dos seres humanos pelo planeta. A esse respeito, não há um melhor exemplo que o das guerreiras indígenas que teriam sido encontradas pelo espanhol Francisco de Orellana, na foz do rio Nhamundá, no século XVI, durante a descoberta do rio que ele, em decorrência desse episódio, o batizou de rio das Amazonas (DREYER-EIMBOCKE, 1992). Orellana, e seu escriba Frei Gaspar de Carvajal, transplantaram esse mito da Ásia Menor para o Novo Mundo e assim estabeleceram um vínculo imaginário com o desconhecido.

Relacionar as manifestações culturais e os fenômenos comunicacionais implica em reconhecer os aspectos que estão diretamente ligados ao contexto dos agentes sociais envolvidos. Pela riqueza de sua biodiversidade, a cidade de Novo Airão atrai biólogos, ecologistas, antropólogos, sociólogos, engenheiros florestais, enfim, pesquisadores dos mais diversos campos do conhecimento. Projetos de pesquisa são desenvolvidos a fim de conhecer,

registrar e preservar o patrimônio do município. Incluímo-nos nessa viagem com um novo olhar: o olhar ecossistêmico.

E sob esse ponto de vista o presente artigo que é o resultado preliminar da pesquisa que está em andamento se propôs a contextualizar o fenômeno do boto em Novo Airão (AM) a partir da compreensão ecossistêmica. Os estudos que se desdobram a partir dele encontram em seus aliados teóricos, base para conduzir essa pesquisa. Sobre o imaginário “conversaremos” com Bachelard (2002), Durand (2010), Mafessoli (2010), Silva (2006), Paes Loureiro (2015) e Slater (2001); sob a perspectiva dos ecossistemas comunicacionais com Morin (2007), Capra (2006), Maturana e Varela (2007), Monteiro (2011), Pereira (2011) e Colferai (2014).

Esses estudos, na sua diversidade de abordagem epistêmico-metodológica, têm várias questões em comum, entre elas, a de que o desenvolvimento das ciências se dá pelo rompimento de fronteiras e limites e, conseqüentemente, pela religação dos conhecimentos e saberes. Para o desenvolvimento dessa pesquisa o pensamento desses autores e seus desdobramentos são importantes porque o fenômeno do boto multifacetado não está somente no campo do imaginário, uma vez que ele ocorre na comunidade de maneira real. Sem a compreensão ecossistêmica, essas teias e conexões ocultas se restringiriam apenas ao campo do folclore e das lendas amazônicas.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaios sobre o imaginário da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia- formação social e cultural**. 3ª Ed. Manaus: Valer, 2009.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2006.

COLFERAI, Sandro. **Um jeito amazônica de ser mundo** – A Amazônia como metáfora do ecossistema comunicacional: uma leitura do conceito a partir da região. Manaus, 2014. Tese de Doutorado em Sociedade e Cultura da Amazônia, Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas.

CORREIA, Claudio Manoel de Carvalho, *et al.* (Orgs.) **Processos Comunicacionais**: tempo, espaço e tecnologia. Manaus: Valer, Edua e Fapeam, 2012.

DREYER-EIMBOCKE, Oswald. **O descobrimento da terra**. Tradução Alfred Keller. São Paulo: Melhoramentos/ Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

DURAND, Gilbert. **O imaginário**: o ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

FREITAS; Susy Elaine da Costa; PEREIRA, Mirna Feitoza. Paradigmas científicos para o estudo dos ecossistemas comunicacionais. In: MALCHER, Maria Ataíde, *et al.* (Orgs.). **Comunicação: visualidades e diversidades na Amazônia**. Belém: FADESP, 2013. p. 149-172. (Série Comunicação, Cultura e Amazônia, v.6).

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010. Novo Airão (AM), dados gerais do município**. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=130320&search=amazonas|novo-airao|infograficos:-dados-gerais-do-municipio>. Arquivo consultado em 10.fev.2016

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1997.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Zahar: Rio de Janeiro, 1986.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2013.

MAFESSOLI, Michel. **O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MALCHER, Maria Ataíde, *et al.* (Orgs.). **Comunicação: visualidades e diversidades na Amazônia**. Belém: FADESP, 2013. p. 149-172. (Série Comunicação, Cultura e Amazônia, v.6).

_____. **Comunicação midiaticizada na e da Amazônia**. Belém: FADESP, 2011. (Série Comunicação, Cultura e Amazônia, v.6).

MAMIRAUÁ, Instituto de Desenvolvimento Sustentável. **Centro de reabilitação de peixe-boi amazônico de base comunitária “Centrinho”**. Tefé, AM: Petrobrás, 2013.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. Tradução de Humberto Marioti e Lia Diskin. 6.ed. São Paulo: Palas, 2007.

MONTEIRO, Gilson Vieira; ABBUD, Maria Emília de Oliveira Pereira; PEREIRA, Mirna Feitoza (org). **Estudos e perspectivas dos ecossistemas na comunicação**. Manaus: Edua, 2011.

MORIN, Edgar. **A religação dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulinas, 2007.

_____. **Meus demônios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

NOGUEIRA, Wilson. **Boi Bumbá: Imaginário e espetáculo na Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2014.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Poeta diz que até a academia discrimina o imaginário amazônico**. Disponível em <http://www.textobr.com/?p=30> 2008. Arquivo consultado em 10.fev.2016

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Valer: Manaus, 2015.

PEREIRA, Mirna. Ecossistemas Comunicacionais: uma proposição conceitual. In MALCHER, Maria Ataíde, *et al.* (Orgs.). **Comunicação midiaticizada na e da Amazônia**. Belém: FADESP, 2011. (Série Comunicação, Cultura e Amazônia, v.6).

PORTAL BRASIL. **Brasil tem sete sítios do Patrimônio Mundial Natural**. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cultura/2010/01/brasil-tem-sete-sitios-do-patrimonio-mundial-natural>. Arquivo consultado em 20.fev.2016.

SEBRAE. **Prêmio Top 100** – Artesanato Brasil. Disponível em: <http://www.top100.sebrae.com.br>. Arquivo consultado em 20.fev.2016.

SEVERINO, Antônio. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Juremir Machado da. **Tecnologias do imaginário**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulinas, 2006.

SLATER, Candace. **A festa do boto**: transformação e desencanto na imaginação amazônica. Rio de Janeiro: Funarte, 2001.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida**: uma interpretação da Amazônia. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1973.

VIOTTI, Hélio Abranches. **Cartas, correspondência ativa e passiva**. São Paulo: Edições Loyola, 1984.

VOLPATO, Gilson. **Pérolas da Redação Científica**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

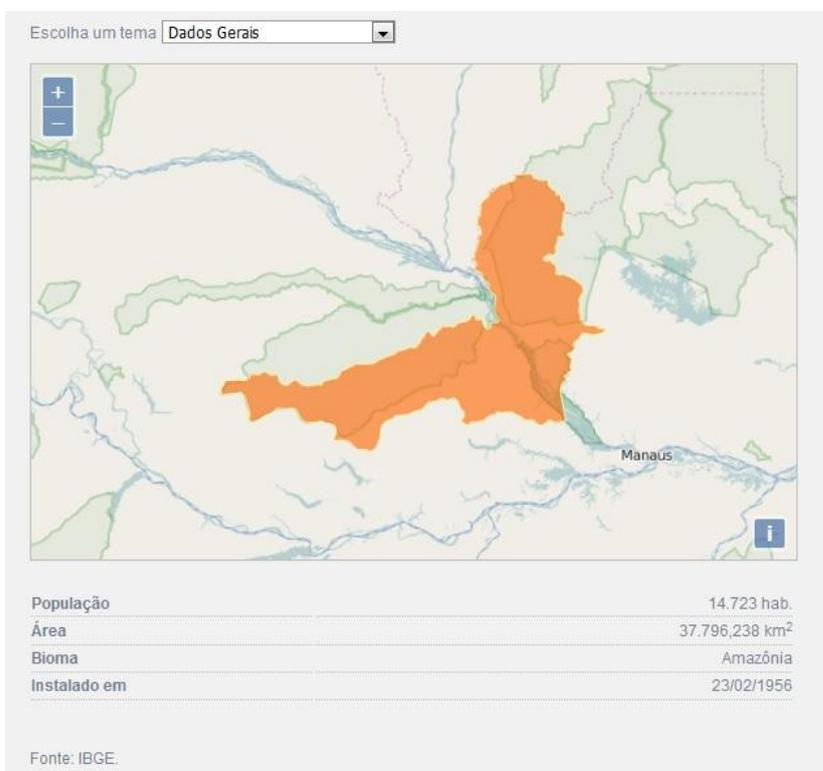
ANEXOS

Anexo 01: Mapa de Novo Airão (AM) extraído do Portal Amazônia.



Fonte: <http://portalamazonia.com/noticias-detalle/turismo/cidade-dos-botos-saiba-como-chegar-em-novo-airao/?cHash=3c56e70e46eb55d4b04118272fe225e9>

Anexo 02: Dados gerais IBGE.



Fonte: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=130320&search=amazonas|novo-airao|infograficos:-dados-gerais-do-municipio>

Anexo 03: Monumento na entrada de Novo Airão (AM).



Fonte: <http://noamazonaseassim.com.br/novo-airao/>

Anexo 04: Portal Uol

uol viagem Destinos Nacionais

DESTINOS NACIONAIS DESTINOS INTERNACIONAIS ESTILOS DE VIAGEM CRUIZEIROS SERVIÇOS ÚLTIMAS

Manaus

PLANEJANDO IR ONDE FICAR GASTRONOMIA O QUE FAZER DICAS DE QUEM JÁ FOI VOCÊ MANDA ROTEIROS

ECOTURISMO

Terra do boto cor-de-rosa, Novo Airão é cercada de ilhas e belas paisagens

Gostou desse roteiro?

Ranata Gama
Do UOL, em Novo Airão (AM)

Novo Airão, no Amazonas 33 fotos

Barcos navegam pelos igarapés (braços de rios), o que amplia a sensação de estar dentro da floresta, em Novo Airão (AM)

Imagem: Luis Sempador/UOL

Guias e roteiros

ECOTURISMO

ECOTURISMO

MOCHILEIRO

ECOTURISMO

Publicidade

Fonte: <http://viagem.uol.com.br/guia/brasil/manaus/roteiros/terra-do-boto-cor-de-rosa-novo-airao-e-cercada-de-ilhas-e-belas-paisagens/index.htm>

Anexo 05: Site Descobrindo o Amazonas

Descobrindo o Amazonas
 O El Dorado é aqui

Home
 Manaus
 Presidente Figueiredo
 Novo Airão
 Outros Municípios
 Agenda Cultural
 Comentários

Novo Airão
 Novo Airão está localizada a pouco mais de 180 km de Manaus e é possível alcançá-la facilmente através da recém-inaugurada Ponte Rio Negro. A imponente obra de engenharia, que também se tornou um ponto turístico, eliminou o antigo sistema de balsas e as desgastantes horas de espera nas filas.

Onde a lenda ganha vida

A atração mais famosa da cidade é a possibilidade de interagir com os botos que regularmente visitam o flutuante da Dona Marilda. Há alguns anos, essa senhora e as suas filhas começaram a alimentar os botos que de vez em quando chegavam próximo às margens do rio. Os bichos gostaram tanto do agrado que passaram a voltar constantemente. O fato logo se espalhou e, hoje em dia, vários turistas vêm regularmente a Novo Airão para alimentar e ver de perto esse animal tão emblemático da fauna amazônica. A entrada no flutuante custa R\$10,00.

Fonte: <http://descobrindoamazonas.webs.com/novoairo.htm>

Anexo 06: Portal Brasil

Portal Brasil

ACESSIBILIDADE ALTO CONTRASTE MAPA DO SITE

Buscar no portal

Perguntas frequentes | Fale com o Governo | Fale com o Presidente

VOCÊ ESTÁ AQUI: PÁGINA INICIAL > TURISMO > 2015 > 01 > INTERAÇÃO COM BOTOS É ATRAÇÃO TURÍSTICA EM NOVO AIRÃO (AM)

Últimas notícias
 Portal Planalto
 Navegue por Estados
 Histórias do Brasil
 Brasil de Resultados

TURISMO

Interação com botos é atração turística em Novo Airão (AM)

Unidade de Conservação

Turistas podem nadar com mamíferos, fotografá-los e conhecer lendas da região

por Portal Brasil
 Publicado: 15/01/2015 11h08
 Última modificação: 15/01/2015 11h08

Divulgação/Ministério do Turismo

Em uma unidade de conservação com cerca de 350 mil hectares, mais de 400 ilhas, além de lagos e igarapés e uma ampla diversidade de plantas e animais silvestres, está uma das principais atrações dos turistas brasileiros e estrangeiros que visitam a região Amazônica: a interação com os botos na cidade de Novo Airão (AM).

Guia de Serviços
 Consulte serviços públicos de forma fácil

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Intenção do brasileiro em viajar pelo País é recorde em 10 anos

Com Jogos Rio 2016, busca por hotéis no Brasil aumenta

Vinicius Lummertz reassume presidência da Embatur

A um mês dos Jogos, Brasil aguarda turistas internacionais

Bahia é destaque em maior revista de viagens da Holanda

Fonte: <http://www.brasil.gov.br/turismo/2015/01/interacao-com-botos-e-atracao-turistica-em-novo-airao-am>